

## **A Esquina Editora: projeto comercial, projeto político e literatura (1978-1981)**



Capa do livro *A bicha que ri*, de Francisco Bittencourt (org.), 1981, fotografia (detalhe).

*Ícaro Silva Jatobá*

Doutorando em História, Política e Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas, do Rio de Janeiro (FGV-RJ).  
icarojatoba@hotmail.com.br

## A Esquina Editora: projeto comercial, projeto político e literatura (1978-1981)

Esquina Editora: commercial project, political project and literature (1978-1981)

*Ícaro Silva Jatobá*

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a atuação editorial da Esquina Editora entre 1978 a 1981, bem como seus desafios políticos, ideológicos e econômicos. Até o momento, pesquisadores têm focado na atuação do jornal *Lampião da Esquina*, uma das principais publicações da editora, mas faltam estudos sobre os demais projetos da empresa, responsável pelo lançamento de livros de temática homossexual/sexual. Na metodologia, unimos a pesquisa em documentos produzidos pelo Serviço Nacional de Informação (SNI), o acervo hemerográfico do Grupo Dignidade e entrevistas que realizamos com o escritor Aguinaldo Silva, o editor gráfico Antonio Carlos Moreira e o escritor Nívio Ramos Sales. Em um período em que o regime político ditatorial censurava e incentivava formas de controle ao “desviantes”, entendemos que a Esquina possibilitou que as homossexualidades se vissem representadas na literatura, se destacando como a primeira editora do país a defender uma linha editorial que privilegiava exclusivamente tal temática.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura; ditadura militar; história da literatura.

### ABSTRACT

*This article aims to analyze the editorial performance of Esquina Editora between 1978 and 1981, as well as its political, ideological and economic challenges. Until now, researchers have focused on the work of the newspaper Lampião da Esquina, one of the main publications of the publisher, but there is a lack of studies on the other projects of the company, responsible for the launch of books on homosexuality/sexual themes. In the methodology, we gathered research on documents produced by the National Information Service (SNI), the hemerographic collection of Grupo Dignidade and interviews we conducted with the writer Aguinaldo Silva, the graphic editor Antonio Carlos Moreira and the writer Nívio Ramos Sales. In a period when the dictatorial political regime censored and encouraged forms of control of the “deviant”, we understand that Esquina Editora made it possible for homosexuals to see themselves represented in literature, standing out as the first publisher in the country to defend an editorial line that privileged exclusively the theme.*

**KEYWORDS:** literature; military dictatorship; history of literature.



Pensar a respeito da literatura brasileira significa ir além dos grandes clássicos publicados por famosas editoras, sobretudo quando analisamos uma produção atenta a outras vozes, outras realidades e feita por corpos e subjetividades que fogem de um padrão hegemônico. Em tempos de regimes autoritários, marcados por censuras políticas e morais, a literatura é vigiada de perto, assim como outros campos da vida social, e geralmente sofre com barreiras

e ações nitidamente antidemocráticas. No caso do Brasil não foi diferente. O regime instalado com o golpe civil-militar de 1964 favoreceu o cenário de perseguições e censuras, não só de cunho político, mas também por incidir sobre assuntos que colocassem em risco uma suposta “moral e bons costumes” da sociedade brasileira.

Quanto a essa temática, há na historiografia profícuo debate sobre a censura pós-1964. Nela despontam duas vertentes, uma de natureza político-ideológica e outra moral.<sup>1</sup> Segundo Carlos Fico, predominava na imprensa a censura de questões estritamente políticas, enquanto nas diversões públicas – filmes, peças de teatro, músicas e livros – os organismos censórios atuavam com objetivos relacionados à manutenção de um ideário moral para o país, ambas com métodos e códigos diversos. Não obstante, a visão apresentada por Quinalha considera toda censura como uma prática essencialmente política, que visa elevar barreiras que dificultam ou impeçam a circulação de pensamentos e ou manifestações de liberdade, impossibilitando a construção de uma sociedade plural.<sup>2</sup> Logo, a divisão estanque entre as duas censuras se torna pouco resolutive e pode até mesmo esconder traços importantes para o entendimento amplo do tema. Para Quinalha, no caso brasileiro, podemos tomar política e moral como dois lados de uma mesma moeda pertencente a um projeto de controle autoritário; ademais, devemos assumir uma posição crítica na categorização das censuras, tendo em vista a construção despolitizada da repressão moral por parte da ditadura.<sup>3</sup>

É necessário reconhecer que a censura sistemática de diversões públicas não foi criada a partir do golpe de 1964. No entanto, foi amplamente instrumentalizada pelos militares que assumiram o poder estatal, organizando-a através da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), órgão responsável pelo controle e censura da circulação de livros, revistas, filmes e peças de teatro que atentassem contra a moral estabelecida.<sup>4</sup> Apesar de não termos identificado nenhuma censura direta às obras divulgadas pela Esquina Editora – como a apreensão de livros –, isso não nega a existência de um cenário brutalmente repressor no Brasil. O fato de não ter sofrido censura direta não significa dizer que o caminho esteve livre para a sua atuação: pelo contrário, a ditadura esteve muito próxima da editora e dos jornalistas do *Lampião da Esquina*, com inquéritos policiais baseados no suposto crime de “atentado à moral e aos bons costumes” e devassa contábil.

Como apontado por Quinalha, com a relativa “abertura política” dos anos finais da década de 1970, a ascensão das novas esquerdas no Brasil incentivou a fala de si e sem representação direta.<sup>5</sup> Desse modo, uma gama de novos movimentos sociais foi ganhando espaço com suas especificidades, entre

<sup>1</sup> Cf. FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*, v. 24, n. 47, São Paulo, 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882004000100003&lng=en&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000100003&lng=en&nrm=isso)>. Acesso em 2 abr. 2020.

<sup>2</sup> Ver QUINALHA, Renan. Censura moral na ditadura brasileira: entre o direito e a política. *Revista Direito e Práxis*, v. 11, n. 3, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rdp/a/zd8s7mKbBzNHXrsHrhm6DP/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 4 mai. 2020.

<sup>3</sup> *Idem*.

<sup>4</sup> Cf. FICO, Carlos. “Prezada censura”: cartas ao regime militar. *Topoi*, v. 3, n. 5, Rio de Janeiro, 2002.

<sup>5</sup> Ver QUINALHA, Renan. Uma ditadura heteromilitar: notas sobre a política sexual do regime autoritário brasileiro. In: GREEN, James *et al.* *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018.

eles o incipiente movimento homossexual, que dava os seus primeiros passos de organização em meio a fluxos e contrafluxos do regime.<sup>6</sup> O fim do autoritarismo nas relações, o prazer individual e a liberalização sexual eram demandas urgentes nas pautas reivindicadas pelos primeiros ativistas organizados, que, assim como outros agentes sociais, encontravam na imprensa alternativa a possibilidade de ampliar as discussões sobre suas vivências. Tanto que Napolitano chama atenção para o papel político assumido pelo campo cultural como ferramenta de combate ao regime militar e suas ideologias nesse período.<sup>7</sup> Os bens culturais – e aqui destacamos a produção e comercialização de livros – evidenciavam a necessidade do consumo cultural, notadamente pela classe média. Na esteira disso, temas antes pouco abordados ou tratados de maneira dispersa, passaram a adquirir maior destaque em editoras que tinham como principal característica a oposição ao regime e suas ideologias, elas que foram chamadas por Maués de “editoras de oposição”.<sup>8</sup>

De fato, na década de 1970 ocorreu a proliferação de jornais e revistas que se pautavam por uma obstinada crítica ao regime militar. Em abril de 1978, o primeiro jornal homossexual de circulação nacional do Brasil, o *Lampião da Esquina*, editado pela Esquina Editora de Jornais e Revistas Ltda., se converteu num local de encontro onde as homossexualidades – modo como eram chamados os *gays*, lésbicas, bissexuais e travestis – lutariam por uma representação justa, sem estereótipos ou julgamentos conservadores. Embora já existam vários estudos em torno do jornal, ainda persiste uma lacuna historiográfica acerca do que estava por trás do periódico: a Esquina Editora, que como editora de livros que privilegiou a temática homossexual/sexual, fortalecendo sua condição de oposição à ideologia comprometida com a normatização e enquadramento das sexualidades “dissidentes”, sustentada no bojo de uma política repressiva de “ordem moral”.

### Uma Esquina e um *Lampião*

*Brasil, março de 1978. Ventos favoráveis sopram no rumo de uma certa liberalização do quadro nacional: em ano eleitoral, a imprensa noticia promessas de um Executivo menos rígido, fala-se na criação de novos partidos, de anistia, uma investigação das alternativas propostas faz até com que se fareje uma “abertura” do discurso brasileiro. Mas um jornal homossexual, para quê?<sup>9</sup>*

Novas movimentações sociais agitavam os anos finais da ditadura brasileira, e foi em meio a elas que apareceu o *Lampião da Esquina*, organizado por um grupo de onze homens assumidamente homossexuais – o desenhista Darcy Penteado, o antropólogo Peter Fry, o crítico de cinema Jean-Claude

<sup>6</sup> As agitações em torno das conquistas de direitos por parte da comunidade homossexual internacional serviram de inspiração para iniciativas nacionais. A produção e a venda de jornais, revistas e livros dirigidos à população homossexual, por exemplo, rapidamente se expandiram em países da Europa e nos Estados Unidos entre as décadas de 1970 e 1980. Ver ALTMAN, Dennis. *Homossexual: oppression and liberation*. New York: Outerbridge and Dienstfrey, 1971, e D'EMILIO, John. *Capitalism and gay identity*. In: SNITOW, Ann et al. *Powers of desire*. New York: Monthly Review Press, 1983.

<sup>7</sup> NAPOLITANO, Marcos. *História do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019.

<sup>8</sup> MAUÉS, Flamarion. *Livros contra a ditadura: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984*. São Paulo: Publisher, 2013.

<sup>9</sup> *Lampião da Esquina*, n. 0, Rio de Janeiro, 1978, p. 2.

Bernardet e os jornalistas Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, João Antônio Mascarenhas e João Silvério Trevisan. Para Aguinaldo Silva, o jornal foi o mais subversivo da “imprensa alternativa”, alcançando a marca de 38 edições ao longo de pouco mais de três anos, entre os meses de abril de 1978 a julho de 1981.<sup>10</sup>

O *Lampião da Esquina* se constituiu na publicação de maior expressão da editora, que lhe proporcionou o necessário aparato burocrático para fazer dele o principal responsável pela união de vozes cujo objetivo consistia desmistificar a imagem das homossexualidades na sociedade. Por sinal, a própria Esquina foi fruto da iniciativa daquele grupo de intelectuais com o propósito de formar um jornal “homossexual brasileiro”. Em vista disso, as histórias de ambos se entrelaçam, razão pela qual é difícil reconstituir a trajetória da Esquina Editora sem consultar e citar as folhas do *Lampião da Esquina*. Até os órgãos do regime militar chegaram a reconhecer a relativa interdependência dos atores e sua ligação com as pautas homossexuais, conforme consta de relatório produzido pela Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça (DSI): “Tanto a “Lampião Editora de Livros, Revistas e Jornais” como a “Esquina Editora de Livros, Revistas e Jornais” têm como endereço a Caixa Postal 41031-ZC-09 – Santa Teresa – Rio de Janeiro/RJ. Os citados jornais se constituem em porta-vozes do “Movimento Gay”, no Brasil, isto é, têm como objetivo promover o homossexualismo, caracterizando, portanto, um atentado à moral e aos bons costumes”.<sup>11</sup>

Outro ponto que ratificou a correlação entre o *Lampião* e a Esquina foi a sustentação financeira das atividades dos dois. De acordo com Aguinaldo Silva, percebeu-se, de imediato, a possibilidade de expandir as ações da editora para além do *Lampião*.<sup>12</sup> Assim, o dinheiro captado com as vendas dos exemplares e com a carteira de assinantes do periódico serviria também para a publicação de livros, estes preferencialmente ligados à temática homossexual e/ou sexual, portanto, a assuntos afins e cotidianos no jornal. Por sua vez, os possíveis lucros obtidos com as vendas de livros ajudariam na continuidade do *Lampião*.

Para Aguinaldo Silva, o projeto editorial exigia proximidade com o teor do jornal: “O que queríamos era publicar livros ‘progressistas’, do nosso ponto de vista, ou seja, livros que de alguma maneira abordassem a temática dos *gays*, ou que pelo menos fossem libertários, do ponto de vista do sexo”.<sup>13</sup> Tal projeto propiciaria ainda a oportunidade de publicação de autores sem chances de serem acolhidos em editoras de maior envergadura comercial; já os escritores que participavam do conselho editorial do *Lampião* não teriam seus livros editados pela Esquina, por serem, em sua maioria, pessoas de reconhecida entrada no mercado editorial. O conselho editorial assumia, assim, a função de editor, como o próprio jornal anunciava: “O mesmo Conselho selecio-

<sup>10</sup> SILVA, Aguinaldo. *Turno da noite*: memórias de um ex-repórter de polícia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016, p. 110.

<sup>11</sup> Arquivo Nacional. Fundo: Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça: BR\_RJANRIO\_TT\_0\_MCP\_PRO\_1135\_d0001de0001.

<sup>12</sup> Entrevista de Aguinaldo Silva concedida ao autor, via Zoom, em set. 2020. Sempre que o nome do entrevistado for citado com o ano correspondente, estaremos nos referindo a essa entrevista.

<sup>13</sup> SILVA, Aguinaldo, 2020.

nará no futuro – de acordo com a viabilidade do projeto agora posto em prática – sempre seguindo a linha adotada pelo jornal – os livros que a editora criada para editar *Lampião* publicará”.<sup>14</sup>

Aguinaldo Silva revelou que as conversas sobre os planos da Esquina aconteciam em plena reunião de pauta do jornal: “Na reunião de pauta alguém tinha ideia: ‘por que não publicamos determinado livro?’ [...] Por que não vamos fazer isso ou aquilo?’ Era tudo muito democrático, e as discussões eram muito exaustivas, porque nós participávamos para chegar a um consenso”. Segundo o nosso entrevistado, ele e Francisco Bittencourt foram as figuras mais atuantes dentro do projeto editorial da Esquina, somada à firme atuação de João Silvério Trevisan no âmbito do jornal. No campo gerencial, Aguinaldo Silva atuou igualmente com relativa autonomia, não só na editora como no periódico, muito possivelmente pela sua condição financeira: “foi uma fase em que eu saí de *O Globo* e fui para a *TV Globo*, então eu era a pessoa que mais tinha uma folga de grana. Muitas vezes eu contratava a edição do jornal, porque mesmo com a quantidade de assinaturas de livros que a gente vendia e jornal nas bancas, tudo era muito caro”.<sup>15</sup>

É pela escolha deliberada de trabalhar com temas homossexuais e/ou sexuais que reconhecemos a Esquina Editora como uma “editora de oposição”. Como argumenta Maués, não se trata apenas de identificar a sua ligação com partidos de esquerda para que uma editora seja considerada opositora. Isso requer a ponderação de um conjunto de critérios. A começar pela definição explícita de uma linha editorial que se mostre adversária das práticas e ideologias do regime.<sup>16</sup> Afora isso, lançamentos que fujam das regras editoriais hegemônicas no mercado representam traços comuns a esse segmento opositor. No caso, a Esquina Editora reconhecia a importância da leitura e da literatura como ferramenta política, à medida que falar sobre e falar para homossexuais facilitaria a autoaceitação e promoveria o autoconhecimento das homossexualidades em um momento político de forte repressão. Nessa linha, o *Lampião da Esquina* funcionaria como uma vitrine para a divulgação das obras editadas pela Esquina ou por editoras que publicassem livros relacionados ao tema.

A necessidade de se ver e se reconhecer nos livros foi desejo explícito de diversos leitores do jornal que escreviam diretamente para os editores por meio da seção “Cartas na Mesa”. Em uma delas se lia: “Que tal o jornal manter uma coluna de indicação de livros, publicações e outros jornais gueis? Quantas pessoas estão interessadas em ler livros sobre o assunto, mas não sabem como achá-los?”; em outra: “o homossexual, assim como todo mundo, sente a necessidade de conversar abertamente, de ver-se retratado nos livros que lê, na pintura que vê, na música que ouve”.<sup>17</sup>

Bourdieu, ao falar das configurações do campo editorial francês em “*Une révolution conservatrice dans l’édition*”, destaca questões que podem ser úteis quando analisamos a tentativa de equilíbrio entre a proposta política

<sup>14</sup> *Lampião da Esquina*, op. cit., p. 2.

<sup>15</sup> SILVA, Aguinaldo, 2020.

<sup>16</sup> MAUÉS, Flamarion. op. cit.

<sup>17</sup> *Lampião da Esquina*, op. cit., p. 15

e o interesse comercial da Esquina Editora. O autor sugere que, a exemplo do livro, o editor é

*um “personagem duplo” e deve saber conciliar a arte e o dinheiro, o amor à literatura e a meta de lucro, por meio de estratégias que se situam em algum lugar entre dois extremos: a submissão cínica aos critérios comerciais e a indiferença heroica ou desatinada às necessidades econômicas. A competência do editor – e de todos aqueles que têm ligação com o livro, em qualquer função – é formada por duas partes antagônicas e pela capacidade de harmonizá-las: as aptidões propriamente literárias de quem sabe “ler” e as aptidões técnico-comerciais de quem sabe “contar”.*<sup>18</sup>

Portanto, pesando a utilidade política, alinhada à necessidade comercial, a Esquina resolveu oficialmente editar livros e divulgá-los nas páginas do *Lampião da Esquina*. De mais a mais, o conselho editorial avaliava que, se, por um lado, a temática homossexual estava ocupando espaços que anos antes seriam impensáveis, por outro, ela logo pareceu aliciada pela ótica capitalista e pela indústria cultural, o que não deixou de ser assinalado no periódico: “De repente o homossexualismo virou assunto [...] Dezenas de reportagens, “análises científicas”, filmes e obras literárias ganharam lugar de destaque nas prateleiras. Hoje quem quer fazer sucesso precisa de um pouco de frescura, e é preciso ter entre os amigos uma bicha qualquer, para provar a abertura. Assim, nos meios de comunicação, da grande à pequena imprensa, das maiores às menores editoras, todos passaram a investir no assunto”.<sup>19</sup>

Hollanda e Gonçalves sustentam que, à vista disso, o mercado editorial percebeu e tornou o momento de “abertura” um bom “negócio”.<sup>20</sup> Crítica a uma possível cooptação das pautas homossexuais pelas agendas liberais e a uma eventual comercialização massiva do “ser homossexual”, a Esquina Editora se obstinou em combater a forma como as homossexualidades eram apresentadas nas interpretações históricas, pelo conhecimento científico e no mundo editorial<sup>21</sup> como um todo, em que comumente eram associados ao “desvio burguês” por setores da esquerda ou como “pederastas e doentes” por segmentos da direita. Contra essas livres associações e a cooptação das lutas, acenavam com uma solução: “Isso só será evitado se desmistificarmos a questão homossexual mostrando que ela tem origens muito concretas e que não está isolada do contexto social. Para não se tornar mais uma válvula de escape nem permitir a perpetuação do gueto”.<sup>22</sup>

Antes mesmo da primeira edição de um livro da Esquina Editora ser efetivada, o jornal já contava com a venda de produções de outras editoras

<sup>18</sup> BOURDIEU, Pierre. Uma revolução conservadora na edição. *Política & Sociedade*, v. 17, n. 39, Florianópolis, 2018, p. 222. Disponível em <[https://www.researchgate.net/publication/329285767\\_Uma\\_revolucao\\_conservadora\\_na\\_edicao](https://www.researchgate.net/publication/329285767_Uma_revolucao_conservadora_na_edicao)>. Acesso em 30 out. 2020.

<sup>19</sup> *Lampião da Esquina*, op. cit., p. 12,

<sup>20</sup> Ver HOLLANDA, Heloísa Buarque de e GONÇALVES, Marcos Augusto. Política e literatura: a ficção da realidade brasileira. In: FILHO, Armando Freitas, HOLLANDA, Heloísa Buarque de e GONÇALVES, Marcos Augusto. *Anos 70: literatura*. Rio de Janeiro: Europa, 1980.

<sup>21</sup> Foi nesse período que as obras literárias e acadêmicas que abordavam as questões homossexuais passaram por significativas mudanças de linguagem, ao rejeitarem textos e conhecimentos científicos ultrapassados e, por vezes, preconceituosos, das décadas de 1930 e 1940, sob o domínio de um forte teor médico-legal. Ver GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

<sup>22</sup> *Lampião da Esquina*, n. 2, Rio de Janeiro, 1978, p. 5.

através das seções “Biblioteca Universal Guei”, “Tendências” e “Literatura”. Entre essas obras figuravam as de escritores conhecidos do público, como Gasparino Damata, Oscar Wilde, Roberto Piva, João Silvério Trevisan, Aguinaldo Silva e Cassandra Rios. Os resultados financeiros dessa atividade significavam uma importante fonte de renda para o jornal e, conseqüentemente, para a editora e, mais que isso, uma via de acesso a outros conhecimentos para seus leitores, satisfazendo, ao mesmo tempo, o que Schmidt define como “desejo por identidade”<sup>23</sup>, ao possibilitar a inserção do sujeito na sociedade e no âmbito cultural.

### “Um projeto muito ambicioso para nossas possibilidades”

Apesar de *Lampião* e o projeto de edição de livros terem surgido praticamente no mesmo momento, os esforços iniciais da equipe foram direcionados para o periódico, o que não nos surpreende, já que a maioria dos seus organizadores havia vivenciado as rotinas de um jornal, como edição, revisão, impressão e distribuição. Somado a isso, como ressalta Aguinaldo Silva, o *Lampião* se converteu em ponto de encontro das pautas reivindicadas por outras “minorias”, que tratavam das questões ambientais, feministas e racial. Tal fato fez com que ele logo se tornasse a principal fonte de trabalho e renda para a editora.

Não demorou para que anúncios sobre obras literárias editadas pela Esquina fossem estampados nele. Porém, nem todos os livros anunciados foram efetivamente editados, reduzindo-se, assim, ao que denominamos “quase obras”. Pelo sim, pelo não, que esses livros ajudaram, de certo modo, a construir a espinha dorsal da linha editorial da empresa. Aguinaldo Silva frisa que ela era diferente das demais:

*Era uma editora cujo objetivo era ser anárquica. Era deixar bem claro que editar livros não era uma coisa tão séria quanto as editoras da época faziam questão de ser, como a Civilização Brasileira, por exemplo. A gente queria causar. A ideia era essa. E, quanto a essa ideia, havia unanimidade, ou seja, vamos publicar livros que sejam totalmente fora de esquadro, que tenham a ver com o assunto que nos interessa, mas que transcendam esse assunto. Essa era a ideia, essa era a linha básica da editora.*<sup>24</sup>

Com uma atuação editorial relativamente lenta, eis o catálogo de lançamentos da Esquina montado com base em nossa pesquisa (ver Tabela 1). A primeira obra literária anunciada como uma futura edição da Esquina ocupou, com relativo destaque, a seção “Literatura” na edição nº 2 do jornal, de junho de 1978. O título da notícia trazia em letras vermelhas: “Fragmento de um romance inédito, a ser lançado em livro pela Esquina”.<sup>25</sup> Tal fragmento, assinado pelo escritor Harry Laus, reproduzia um diálogo entre “O Cara” e “Lady Águia”, uma “cachorra sem preconceitos”, que ouvia as experiências sexuais vividas pelo primeiro – seu dono –, que desfrutava da liberdade ho-

<sup>23</sup> Ver SCHMIDT, Rita Terezinha. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária. In: EBLE, Laetícia Jensen e DALCASTAGNÉ, Regina. *Literatura e exclusão*. Porto Alegre: Zouk, 2017.

<sup>24</sup> SILVA, Aguinaldo, 2020.

<sup>25</sup> *Lampião da Esquina*, n. 2, op. cit., p. 16.



mo(sexual), enquanto reprimia as experiências sexuais da cadela. O anúncio era acompanhado da ilustração de um homem e uma cachorra da raça dálmata, arte do desenhista Darcy Penteado. A data de lançamento, o preço do livro e as formas de aquisição não foram informados, nem mesmo o título da obra e sua autoria.

Tabela 1: Catálogo de livros da Esquina Editora

Livro	Ano	Autor
Obras anunciadas no <i>Lampião da Esquina</i> , mas não editadas/comercializadas		
<i>Monólogo de uma cachorra sem preconceitos</i>	1978	Harry Laus
<i>Histórias de amor</i>	1978	Aguinaldo Silva, Darcy Penteado, Gasparino Damata e João Silvério Trevisan
<i>Homosexual, oppression and liberation</i>	1979	Dennis Altman
Obras editadas e lançadas pela Esquina Editora		
<i>Escola de libertinagem</i>	1980	Marquês de Sade (trad. Aguinaldo Silva)
<i>Prova de fogo</i>	1981	Nívio Ramos Sales
<i>A bicha que ri</i>	1981	Francisco Bittencourt (org.)

De acordo com a jornalista Maria Aparecida Borges Vieira, a aproximação do autor com a Esquina resultou de uma ponte feita pelo conselheiro Darcy Penteado.<sup>26</sup> *Monólogo de uma cachorra sem preconceitos* acabou, no entanto, sendo lançado por conta do próprio Harry Laus.<sup>27</sup> Em entrevista, Aguinaldo Silva afirmou isso sinalizava a fragilidade da ambição de a Esquina de afirmar-se como uma editora ativa em meio às dificuldades financeiras com que se deparava.

Outro anúncio foi difundido na edição n. 4, de agosto de 1978, dessa vez a respeito da obra literária *Histórias de amor*, cujo título ia ao encontro de pedidos dos leitores na seção “Cartas na Mesa”: “Mais histórias de amor, que são ótimas”.<sup>28</sup> A propaganda do livro esteve presente no periódico em quase todos os números, mas a obra, que seria resultado da junção de textos de Darcy Penteado, João Silvério Trevisan, Gasparino Damata e Aguinaldo Silva, não foi lançada, tampouco editada. Salvo a participação de Damata, o lançamento representaria, de certo modo, uma quebra na regra estabelecida de que as edições da Esquina não seriam de autoria dos integrantes do conselho editorial.

Na entrevista que nos concedeu, Aguinaldo Silva explicou que a não publicação de *Histórias de amor* se deveu a problemas de coordenação entre os

<sup>26</sup> VIEIRA, Maria Aparecida Borges. *Os papéis de Harry Laus: um perfil do crítico de arte no jornalismo brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFSC, Florianópolis, 2009.

<sup>27</sup> *Idem*.

<sup>28</sup> *Lampião da Esquina*, n. 6, Rio de Janeiro, 1978, p. 14.

escritores. Enquanto ele e João Silvério Trevisan tinham conteúdos selecionados, os demais autores não entregaram os originais em tempo hábil. Porém, para Antonio Carlos Moreira, jornalista e colaborador do jornal, o livro expressava a divergência existente no interior dentro do conselho editorial sobre como abordar o tema homossexualidade: Aguinaldo Silva adotava linha mais popular, que buscava captar o público homossexual e, conseqüentemente, aumentar a margem de venda e lucro; João Silvério Trevisan visava a um perfil mais militante, que permitisse discussões mais profundas sobre o assunto.<sup>29</sup>

O terceiro e último livro que chegou a ser anunciado em *Lampião* sem ser editado pela Esquina foi impactado por essas disputas políticas internas. Seu autor era o professor australiano Dennis Altman, que, em passagem pelo Brasil, foi entrevistado pelo periódico e abriu mão de seus direitos autorais em favor da Esquina, algo celebrado pelo jornal: “Dennis Altman cedeu à Esquina Editora os direitos de publicação do seu livro em português. A tradução, a cargo de Francisco Bittencourt, já está em andamento”.<sup>30</sup> Em princípio, como acentua Aguinaldo Silva, a editora não disporia mesmo de condições para arcar com os custos autorais. Ainda assim, dificuldades econômicas incontornáveis e as divergências políticas impediram a materialização da obra:

*Uma facção achava que o jornal tinha que ser apenas aquele assunto, porque era um assunto político, e outra facção achava que não tinha que assumir uma posição político/partidária de esquerda, e eu dizia: “eu sei que o jornal é muito mais à esquerda que esses partidos que vocês estão querendo apoiar. O jornal é muito mais à esquerda que esses projetos inteiramente fora do eixo.” Mas muita coisa que a gente pretendia fazer acabamos não fazendo, e acabou não fazendo por uma razão muito simples: chegou um dia que a gente teve uma grande discussão sobre isso e me acusaram de ser o “ditador” do jornal, o que mandava no jornal. [...] Queriam um jornal mais político, mas, não político das minorias, mas mais “político do mesmo”. E eu evitava muito isso; eu tinha momentos de grande tensão porque eu falava: “se você quer fazer um jornal desse não é para ser um jornal gay; vamos fazer então um jornal como Opinião, como Movimento. Mas, se esse é um jornal gay, a gente não pode simplesmente fazer política partidária”.*<sup>31</sup>

As divergências quanto ao modo de representação das homossexualidades e possíveis aproximações de partidos políticos desencadearam cisões no *Lampião* e na Esquina. Tal situação refletia, de certa maneira, as discussões dentro do incipiente movimento homossexual.

O levantamento das obras que seriam produzidos pela editora nos revela a intenção da Esquina. Aguinaldo Silva, figura basilar para o funcionamento da empresa, esclarece que outros textos de literatura homossexual figuravam na lista de interesses, sobretudo livros antigos, como *O bom crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, e contos do escritor João do Rio: “nossa ideia era publicar livros que estivessem ligados ao tema e autores nacionais em relação aos quais já tinha caído a questão dos direitos autorais [...] a gente tinha muito

<sup>29</sup> Entrevista de Antonio Carlos Moreira concedida ao autor, via Zoom, em ago. 2020. Sempre que o nome do entrevistado for citado com o ano correspondente, estaremos nos referindo a essa entrevista.

<sup>30</sup> *Lampião da Esquina*, n. 16, Rio de Janeiro, 1979, p. 3.

<sup>31</sup> SILVA, Aguinaldo, 2020.

a ideia de publicar João do Rio, cujos direitos autorais estavam prestes a cair, porque se a gente fosse pagar 10% de direitos autorais não ia dar”.<sup>32</sup>

Em um período de alta incerteza política e econômica, os custos eram um gargalo de difícil transposição para o jornal e a editora: “Era muito difícil, então às vezes a gente programava ‘vamos fazer o livro tal’, mas aí a gráfica queria o adiantamento, e a gente adiava a coisa”, relata Aguinaldo Silva. Além disso, o *Lampião* lidava com uma severa perseguição política por parte do regime: Trevisan salienta que o jornal sofria a acusação da Polícia Federal pelo suposto crime de “atentado à moral e aos bons costumes”.<sup>33</sup> O inquérito policial a que o submeteram durou até 1979 e impactou tanto as suas atividades como as da editora, que foi alvo de um processo de devassa contábil à procura de irregularidades junto à Receita Federal. Obviamente, caso se constatasse algum desvio de conduta, isso poderia redundar no seu fim.

Para Aguinaldo Silva, as ações de perseguição em torno do *Lampião* e da Esquina foram suficientes para afetar a suscetibilidade de parte dos integrantes da equipe. Contudo, as autoridades reconheceram a “absoluta pobreza” em que se trabalhava lá ao terem acesso aos balancetes econômicos e aos rendimentos quase negativos da editora. Prova disso é que, quando Aguinaldo Silva contatou o procurador da República no Rio de Janeiro, Sérgio Ribeiro da Costa, para se inteirar do andamento da devassa contábil por que passava a Esquina, ele lhe – teria respondido: “Isso aqui é uma bobagem, não se preocupe, eu vou mandar arquivar isso”.<sup>34</sup>

A falta de planejamento orçamentário, gerencial e até mesmo a inexistência de ações básicas referentes ao cotidiano de uma editora de livros, como a definição do quadro técnico de capista, diagramador, editor e revisor, nos chamam a atenção nos primeiros meses de atuação da Esquina. A despeito de toda a boa vontade e reconhecida coragem, Aguinaldo Silva admite que as expectativas superaram a realidade: “O projeto começou a ficar muito ambicioso para nossas possibilidades”.<sup>35</sup> De 1978 a 1979, os livros permaneceram no campo das promessas, o que acabou sendo assumido pelo jornal: “A gente passou quase dois anos prometendo aos fiéis leitores do *Lampião* que iríamos publicar livros, mas o projeto foi sendo adiado por falta de grana, até que as coisas melhoraram”.<sup>36</sup> Foi somente a partir de uma intensa campanha publicitária em busca de novas assinaturas que a Esquina conseguiu arrecadar dinheiro suficiente para seu primeiro lançamento. Dizia-se então: “*Lampião* precisa crescer. E ele só poderá fazê-lo se você, que o lê mensalmente, assumir sua condição de lampiônico e colaborar com ele. Estamos iniciando, neste número, a campanha das mil assinaturas; precisamos consegui-las até agosto, para que possamos dar início à publicação de livros gueis, de nosso calendário entendido (com fotos que nunca estiveram no gibi)”.<sup>37</sup>

Além da campanha de assinatura, Aguinaldo Silva lembra que a festa “Bixórdia”, organizada pelo conselho editorial do jornal no Teatro Rival do

<sup>32</sup> *Idem*.

<sup>33</sup> Ver TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

<sup>34</sup> SILVA, Aguinaldo, 2020.

<sup>35</sup> *Idem*.

<sup>36</sup> *Lampião da Esquina*, n. 21, Rio de Janeiro, 1980, p. 20.

<sup>37</sup> *Idem*, n. 2 – extra, Rio de Janeiro, 1980, p. 2.

Rio de Janeiro, alavancou a arrecadação de recursos para o início da editoração de livros. Percebe-se aqui a relação de forte dependência econômica, quando não a conexão conflituosa entre jornal e editora, pois, em princípio, a edição de livros deveria ajudar na manutenção financeira do *Lampião*, e não o contrário. Todavia, o escasso capital disponível era dividido entre o periódico e a Esquina, embora burocraticamente eles se ligassem a atividades diversas

### A Esquina Editora e suas obras

Como vimos até aqui, a Esquina Editora tropeçou em obstáculos para efetivar a edição e o lançamento de seus livros. Entre as dificuldades econômicas, políticos e organizacionais para assegurar seu projeto. Seja como for, ela parecia começar 1980 com objetivos bem traçados, como atesta mais um anúncio veiculada no *Lampião*, evidenciando o desejo de lançar 4 livros e um calendário de homens nus naquele ano.

Apesar de não ser uma obra literária, esse calendário recebeu o selo de produção da Esquina (Figura 1), e o seu lançamento causou forte abalo nas relações internas da equipe, que, em parte, via a ação como sensacionalista e como algo que desvirtuava a missão originária do grupo. Aliás, por essa época, o jornal começou a divulgar imagens sensuais de homens, o que, para Trevisan, o afastava o periódico de discussões relacionadas ao ativismo e lhe imprimia um caráter mais comercial.<sup>38</sup> Em contraposição, no entendimento de Aguinaldo Silva, a diferença de opiniões sobre métodos utilizados na linguagem do *Lampião* trazia para o primeiro plano uma suposta rivalidade entre a ala paulistana, representada por João Silvério Trevisan, e a ala carioca, tendo à frente Francisco Bittencourt. Para aquele jornalista, as posições mais “debochadas” do grupo sediado no Rio de Janeiro incomodavam por vezes os colegas de São Paulo.<sup>39</sup> A propósito, Souto Maior<sup>40</sup> destaca as diferentes formas de encarar a militância homossexual e as cisões havidas entre Trevisan e Aguinaldo Silva, que, a seu ver, guardam relação direta com o fim do *Lampião* e, conseqüentemente, da Esquina Editora.<sup>41</sup>

Definida a origem de orçamento para o primeiro lançamento, a Esquina anunciou no *Lampião da Esquina* a obra que Aguinaldo Silva considera como um “livro de impacto”: *Escola de libertinagem*, do escritor francês Donatien Alphonse François de Sade, o célebre Marquês de Sade. Para Aguinaldo Silva o pontapé inicial da editora “tinha que ser um autor famoso, que fosse conhecido e tratasse do assunto. E aí foi que surgiu a ideia do livro. Foi o primeiro livro e já deixava bem claro: nós não vamos publicar coisas que não tenham nada a ver com o assunto do jornal, com os temas do jornal. Ao mesmo tempo era um livro polêmico, sempre será um livro polêmico”.<sup>42</sup>

<sup>38</sup> Ver PEREZ, Livia. *Lampião da Esquina*. São Paulo, Doctela, 2016, DVD (82 min.).

<sup>39</sup> Cf. SILVA, Aguinaldo. *Turno da noite*, op. cit.

<sup>40</sup> MAIOR, Paulo Souto. *Assumir ou não assumir: o Lampião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978-1981)*. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

<sup>41</sup> Tais discordâncias entre dois personagens centrais do movimento homossexual brasileiro envolvem uma conhecida disputa de narrativa histórica. Ver GREEN, James, op. cit., e TREVISAN, João Silvério, op. cit.

<sup>42</sup> SILVA, Aguinaldo, 2020.

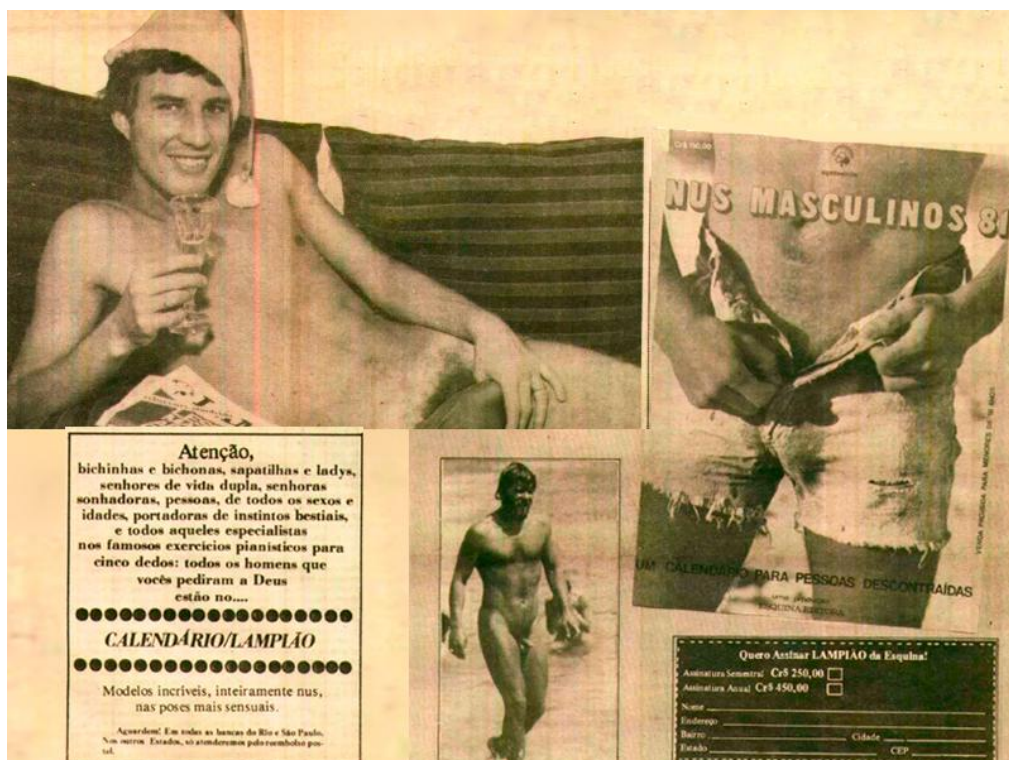


Figura 1. Calendário homens nus. *Lampião da Esquina*, n. 31, 1980.

Maués<sup>43</sup> pondera que a realização de eventos de lançamentos de livros e/ou noites de autógrafos podem favorecer a repercussão de determinadas obras. No caso da Esquina, foi o que aconteceu: para comemorar e propagar tal feito, organizou-se uma festa com 450 pessoas no Teatro Rival do Rio de Janeiro, com direito à participação do grupo transformista Dzi Croquettes.<sup>44</sup> O anúncio no *Lampião* dava o tom sobre o que os leitores poderiam esperar de *Escola de libertinagem*: “Um homossexual, uma lésbica, um casal heterossexual e, depois, uma quinta pessoa, um jardineiro assalariado, reunidos numa mansão, se entregam a todo tipo de exercícios amorosos; o objetivo: transformar a jovem e ingênua Eugênia numa grande amante, numa adepta fervorosa do pansexualismo. Um dos livros mais crus e ousados jamais escritos. A obra-prima do genial Marquês. O primeiro lançamento da Esquina Editora”.<sup>45</sup> Pelo trecho, evidenciava-se o desejo de ampliar as discussões sobre a liberalização sexual, pauta sempre candente na primeira onda do movimento homossexual brasileiro.<sup>46</sup>

Para seguirem adiante, na ótica de Antonio Carlos Moreira<sup>47</sup> e Aguinaldo Silva<sup>48</sup>, era necessária ajuda para aperfeiçoar o processo de gerência e

<sup>43</sup> MAUÉS, Flamarion, *op. cit.*

<sup>44</sup> Cf. *Lampião da Esquina*, n. 32, Rio de Janeiro, 1981, p. 17.

<sup>45</sup> *Idem*, p. 7.

<sup>46</sup> Didaticamente, para a melhor compreensão do desenvolvimento histórico do movimento LGBT brasileiro, é adotada por pesquisadores a apresentação das pautas e agendas em ondas. A primeira onda do movimento LGBT no Brasil (entre 1978 e 1983) seria caracterizada pela necessidade de organização e afirmação de uma identidade homossexual, incluindo seus aspectos sexuais, sociais e políticos. Ver GREEN, James. *Além do carnaval*, *op. cit.*

<sup>47</sup> Cf. MOREIRA, Antonio Carlos, 2020.

<sup>48</sup> Cf. SILVA, Aguinaldo, 2020.

assessoria das atividades editoriais da Esquina. Essa ajuda veio com o apoio de Sandra Siqueira, funcionária da José Olympio Editora, que, na sequência, assumiu a responsabilidade pela “coordenação de produção” da editora. A capa do livro (Figura 2) foi assinada pelo(a) capista Rafa, figura desconhecida por nossos entrevistados. De toda maneira, como relata Aguinaldo Silva, por ser considerada “ousada”, o livro não esteve totalmente disponível nas bancas de jornais, e naquelas em que a Esquina conseguiu vendê-lo, era inevitável acatar certas regras: “A gente conseguiu vender em duas ou três bancas no Rio de Janeiro; uma delas era no Hotel Serrador, que era na Cinelândia [...] a capa era muito ousada para época [...] chegaram a mandar colocar o livro em sacos plásticos, e eles vendiam uma pilha nas duas bancas. [...] lembro de uma livraria no Edifício Avenida Central que chegou a aceitar os livros, mas essa experiência foi trágica porque eles não pagavam”.<sup>49</sup>



Figura 2. Capa e quarta capa do livro de Marquês de Sade, *Escola de libertinagem*, 1980.

Rodrigo Silva esclarece que o Marquês de Sade ficou conhecido no âmbito da literatura e da história pelo seu senso libertário e, para alguns críticos, como “libertino”, com obras capazes de questionar os valores morais e religiosos vigentes. O pesquisador relembra ainda que, no Brasil o livro já havia sido publicado pela Coordenada Editora, de Brasília, em 1968, com o título de *Filosofia da alcova ou Escola de libertinagem*, e tradução de Aguinaldo Silva.<sup>50</sup> É nesse ponto que encontramos outro motivo para a obra ser o lançamento

<sup>49</sup> *Idem*.

<sup>50</sup> Ver SILVA, Rodrigo. *O Marquês de Sade no Brasil: tradução, recepção e crítica de Historiettes, contes et fabliaux*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – UnB, Brasília, 2009. Disponível em <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/21839>>. Acesso em 3 set. 2020.

inaugural da Esquina. De quebra, ela implicava uma economia à editora, porque não seria preciso arcar com novos custos de tradução. Segundo Antonio Carlos Moreira, pesou nisso tudo o tino editorial de Sandra Siqueira, restando a ele o trabalho de “montagem e arte-final”:

*Ele – Aguinaldo – pegou o livro impresso, já pronto, num processo de fotocopiar, com boa qualidade e aí foi fazendo emendas para tentar dar correção em alguns erros e algumas atualizações ortográficas; isso eliminava a preparação de texto, digitador, fotocomposição e até um trabalho mais elaborado de montagem final. Como eu já estava fazendo o trabalho de arte final e montagem do jornal, o Aguinaldo propôs que eu fizesse o livro. Então eu participei; eu pegava todas aquelas páginas, fazia emendas, depois eu fiz o “pestape”<sup>51</sup>, colar em uma base, com numeração etc. Então essa montagem manual do primeiro livro, eu que fiz, e aí depois foi para o fotolito e foi lançado.<sup>52</sup>*

*Escola de libertinagem*, com 170 páginas, foi apresentado à venda em *Lampião da Esquina* a partir de outubro de 1980, com custo inicial de Cr\$ 300,00. No ano seguinte, em 1981, em um cenário de alta incerteza econômica, o preço subiu para livro Cr\$ 350,00. Moreira explicita que a tiragem inicial foi de 3 mil exemplares, número de impressão padrão para a época. Aguinaldo Silva complementa essa informação: 2 mil exemplares foram reimpressos, devido ao sucesso de vendas alcançado.

Não demorou para que a Esquina lançasse o seu segundo livro. Em março de 1981 entrou em circulação *Prova de fogo* (Figura 3), do estreante Nívio Ramos Sales. Conhecido por sua função de pai de santo, o autor trouxe à obra a sua rotina no terreiro de umbanda e todas as questões vivenciadas nesse ambiente, simultaneamente sagrado e “profano”:

*Um viril boiadeiro, ou uma sensual ciganinha? Toda a história da ambiguidade humana, da metade homem metade mulher de todos nós, levada para o terreno do ritualístico, do mágico, e ali resolvida de modo magistral [...] Um pai de santo, branco e formado em sociologia [...] é cavalo de duas entidades opostas. O viril Boiadeiro que usa chapéu de couro, fuma charuto e bebe cachaça, e a sensual Ciganinha, que se enfeita de fitas e rendas, só bebe sidra e fuma cigarrilha, e pela qual os ogãs do seu terreiro não se envergonham de se declarar apaixonados.<sup>53</sup>*

Pelo que pesquisamos, *Prova de fogo* se chamava originalmente *Posando para retratos* e foi concebido como material destinado à produção de um longa-metragem, dirigido pelo cineasta Marco Altberg e roteirizado por Aguinaldo Silva. Nívio Ramos Sales nos contou que a opção pela publicação via Esquina levou em consideração sua proximidade com o jornal *Lampião da Esquina* e o fato do roteiro do filme haver sido assinado por Aguinaldo Silva.<sup>54</sup> De acordo com Moreira, a ideia era unir o lançamento do filme e do livro, seguindo a lógica comercial, comum à época, de “veja o filme e leia o livro”.<sup>55</sup> No entanto, conforme Sales, o filme foi objeto de disputas judiciais com a pesquisadora

<sup>51</sup> Processo de montagem/colagem de texto e/ou ilustrações.

<sup>52</sup> MOREIRA, Antonio Carlos, 2020.

<sup>53</sup> *Lampião da Esquina*, n. 34, Rio de Janeiro, 1981, p. 9.

<sup>54</sup> Entrevista concedida por Nívio Ramos Sales ao autor, via Messenger, em jul. de 2020. Sempre que o nome do entrevistado for citado com o ano correspondente, estaremos nos referindo a essa entrevista.

<sup>55</sup> MOREIRA, Antonio Carlos, 2020.

Yvonne Maggie, que acusava o conteúdo de “plágio”<sup>56</sup>, o que ocasionou o adiamento da edição do livro, concretizada somente com o fim da ação na Justiça que viabilizou a divulgação do filme.



Figura 3. Capa e quarta capa do livro *Prova de fogo*, de Nívio Ramos Sales, 1981.

O lançamento de *Prova de fogo* foi marcado pela realização de um evento a que se deu o nome de Festa Afro-brasileira, na sede da Fundação Nacional das Artes (Funarte), no Rio de Janeiro. Não bastasse o envolvimento da Funarte em plena ditadura, chama a atenção no convite (Figura 4) a participação da Empresa Brasileira de Filmes (Embrafilme), o que vai na direção da afirmação de Hingst, para quem esses órgãos e outros mais atuaram com relativa autonomia, em meio a um governo que não privilegiava a diversidade nas artes.<sup>57</sup>

Com base em seus estudos antropológicos, Fry e MacRae ressaltam a existência de uma forte ligação entre a homossexualidade e poderes considerados “místicos”, que ajudaram a construir no imaginário brasileiro a associação do candomblé/umbanda como lugares de “bichas”.<sup>58</sup> Para Nívio Ramos Sales, essa relação de abertura e diversidade como características da religião faz com que, até os dias de hoje, ela seja conhecida como uma religião que “não tem preconceitos”, o que acaba aproximando muitos LGBTs.

<sup>56</sup> Nívio Ramos Sales diz que a antropóloga Yvonne Maggie teria acusado Marco Altberg de plágio, alegando que o filme era baseado em sua dissertação de mestrado intitulada *Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito* (1975).

<sup>57</sup> HINGST, Bruno. *Projeto ideológico cultural no regime militar: o caso da Embrafilme e os filmes históricos e adaptações de obras literárias*. Tese (Doutorado em Comunicações e Artes) – USP, São Paulo, 2013.

<sup>58</sup> FRY, Peter e MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1983.



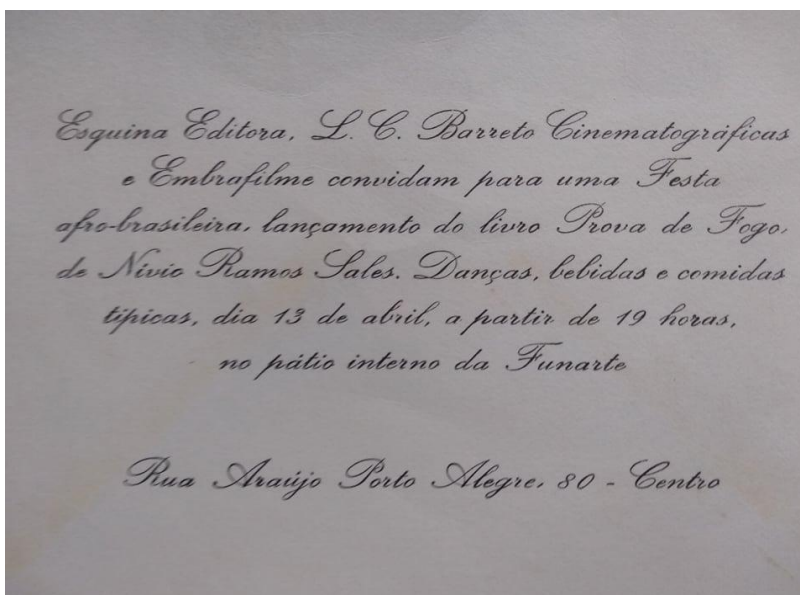


Figura 4. Convite de lançamento de *Prova de fogo*.

O livro custava inicialmente Cr\$ 350,00, mas um mês depois do seu lançamento o preço baixou para Cr\$ 300,00, o que não significou aumento de vendas. Pelo contrário, como informa Aguinaldo Silva, mesmo com a estratégia comercial de unir filme e livro, as vendas não foram promissoras. Nívio Ramos Sales garante que não assinou contrato com a Esquina e não recebeu nenhuma quantia em dinheiro por venda e/ou direitos autorais. A editora teria se limitado a lhe passar, pelas mãos de Aguinaldo Silva, os fotolitos do livro e aproximadamente 500 livros quando a Esquina encerrou suas atividades, em junho de 1981.<sup>59</sup>

No lançamento seguinte, a editora abriu a possibilidade de receber a colaboração dos leitores do *Lampião* para compor um livro. Na visão de Aguinaldo Silva, seria uma obra para “rir da própria desgraça”<sup>60</sup>:

*É o seguinte: um dos próximos lançamentos desta editora será um mimoso compêndio intitulado A bicha que ri [Figura 5], no qual a gente pretende publicar as melhores piadas – incluindo charges, historinhas etc – sobre bichas. E para que nossa antologia saia à perfeição, é preciso a colaboração de vocês: mandem para a gente aquela historinha que vocês ouviram, aquele desenho que guardaram, aquela charge que mantêm pregada na porta do guarda-roupa, e que sempre mostram ao bofe para descontraír antes do embate.*<sup>61</sup>

Nesse caso, Antonio Carlos Moreira revelou que a equipe da Esquina buscou inspiração na linguagem visual do *Pasquim* e de sua editora, a Codecri, numa época em ela editava livros de piadas e charges, chamados de publicações “marginais/alternativas”. Francisco Bittencourt foi o responsável pela organização e edição de uma sequência de piadas, anedotas, charges e situa-

<sup>59</sup> SALES, Nívio Ramos, 2020.

<sup>60</sup> SILVA, Aguinaldo, 2020.

<sup>61</sup> *Lampião da Esquina*, n. 27, Rio de Janeiro, 1979, p. 16.

ções do cotidiano do homossexual brasileiro, que naquela altura vivenciava discussões e cisões nos grupos de militância organizada.<sup>62</sup>

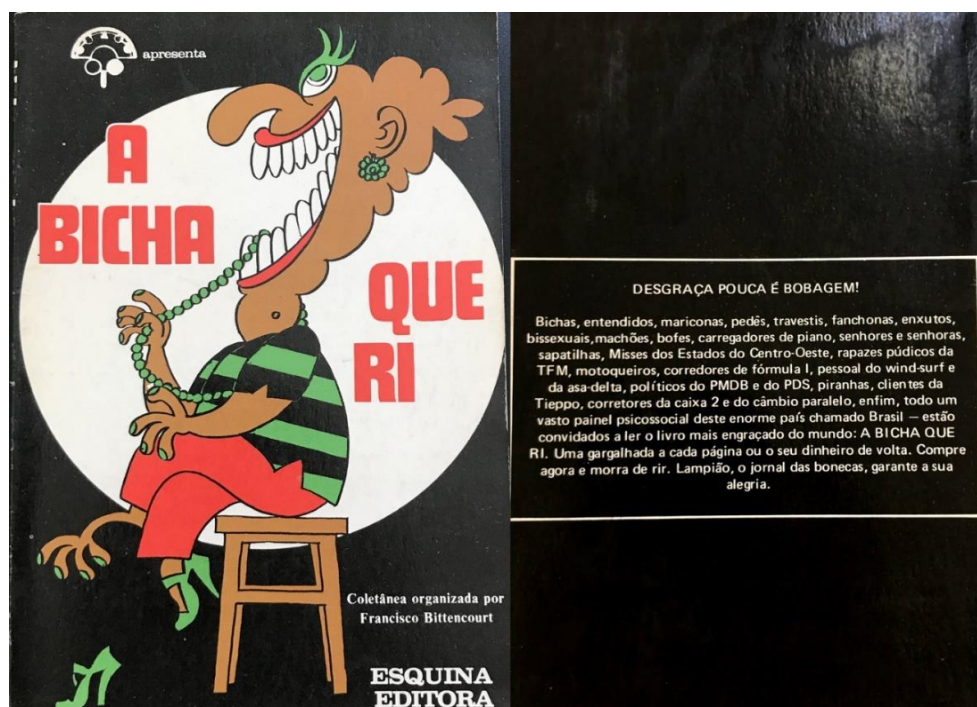


Figura 5. Capa e quarta capa do livro *A bicha que ri*, 1981.

Para Aguinaldo Silva, o lançamento de um livro que se valia do humor para apresentar o cotidiano homossexual foi uma aposta comercial da Esquina. A ideia despertou resistência por parte de alguns integrantes da comissão editorial, para quem o uso de uma linguagem mais formal era o modo mais apropriado para lidar com o tema. Contudo, nas palavras do nosso entrevistado, o “lado subversivo” do humor prevaleceu: “Ao mesmo tempo que é uma piada, tem um lado subversivo, né? Ela subverte a coisa; era a linha do jornal. Era fazer política sem parecer que estava fazendo política”.<sup>63</sup> Mais uma vez, nota-se aqui a busca pelo equilíbrio entre a necessidade comercial e o engajamento político. E Silva enfatiza que *A bicha que ri* foi o livro mais insurgente da Esquina, a começar pelo título, que ostentava a expressão “bicha”, muito utilizada como xingamento por aqueles que desejavam atacar os homossexuais. O *Lampião*, assim, promovia sua ressignificação, retirando-a do discurso machista e desmistificando-a por intermédio do humor. *A bicha que ri* seria o livro para todos rirem um pouco de si:

*Bichas, entendidos, mariconas, pedês, travestis, fanchonas, enxutos, bissexuais, machões, bofes, carregadores de piano, senhores e senhoras, sapatilhas, Misses dos Estados do Centro-Oeste, rapazes púdicos da TFM, motoqueiros, corredores de fórmula I, pessoal do wind surf e da asa-delta, políticos do PMDB e do PDS, piranhas, clientes*

<sup>62</sup> Cf. MOREIRA, Antonio Carlos, 2020.

<sup>63</sup> SILVA, Aguinaldo, 2020.

da Tieppo, corretores da caixa 2 e do câmbio paralelo, enfim, todo um vasto painel psicossocial deste enorme país chamado Brasil – estão convidados a ler o livro mais engraçado do mundo: *A bicha que ri. Uma gargalhada a cada página ou o seu dinheiro de volta. Compre agora e morra de rir. Lampião, o jornal das bonecas, garante a sua alegria.*<sup>64</sup>

As provocações bem-humoradas e por vezes ácidas a diversos setores sociais, da ala esquerdista ao regime militar, dos grupos homossexuais à Igreja Católica, tiveram ressonância: segundo Antonio Carlos Moreira, o livro atingiu a maior tiragem da editora e foi o de maior vendagem, com 10 mil exemplares impressos e praticamente todos vendidos.

Logo, por produzir e comercializar textos que representavam oposição às ideologias da ditadura militar, ou seja, aos cerceamentos e formas de controle da vida homossexual e/ou “desviante”, a Esquina se situa, como já dito, na categoria de “editoras de oposição”.<sup>65</sup> No fundo, ela transcende esse enquadramento, inscrevendo-se, na história do livro do Brasil, ao que tudo indica, como a primeira editora homo(sexual) do país, por concentrar toda a sua produção, mesmo que em número reduzido, em obras que abordassem a questão homossexual e/ou sexual, contribuindo para a desconstrução do imaginário brasileiro que associava as homossexualidades à linguagem médico-jurídica e/ou à devassidão.

### Apagou-se a luz na esquina

É notório que os desafios econômicos, políticos e as dissidências internas tornaram a história da Esquina Editora um breve acontecimento. Esse tempo exíguo, entretanto, foi suficiente para ela se vincular a significativas mudanças em curso mundo afora, a começar pela possibilidade de mostrar as homossexualidades nos livros sem recorrer a estereótipos ou a linguagens e termos ultrapassados. Não é demais reafirmar que, em um cenário de turbulência econômica, as dificuldades financeiras da editora foram seu principal alçoz.

A organização administrativa, ou melhor dizendo, a falta dela, denota a relação quase que simbiótica entre jornal e editora. Em meio a isso, foram de grande monta as adversidades impostas pelo regime militar em torno das vivências homossexuais, pois elas afetaram, sob vários aspectos, a atuação dos jornalistas do *Lampião* e a vida da Esquina Editora, como no caso dos inquéritos policiais e no episódio de devassa contábil, perseguições sofridas nos primeiros meses do seu funcionamento. No entanto, constatamos que, mesmo aqueles livros que permaneceram no campo das ideias, expressaram o que veio a ser a linha editorial da Esquina. No caminho por ela trilhado, nas poucas obras editadas, as homossexualidades puderam se ver, entender e aprender sobre seus desejos sexuais, suas ligações religiosas e até rir de si.

Com isso, a Esquina Editora construiu uma rede de apoio e de autoconhecimento para as homossexualidades brasileiras, tanto através do *Lampião* quanto dos livros lançados. A despeito da forte dependência do público do

<sup>64</sup> BITTENCOURT, Francisco (org.). *A bicha que ri*. Rio de Janeiro: Esquina, 1981.

<sup>65</sup> MAUÉS, Flamarion, *op. cit.*

jornal, seu combustível foi a coragem para assumir a árdua missão de edição de livros com uma temática para muitos indigesta em tempos de repressão e de preconceitos. Por isso, não foi pouco o papel desempenhado pela Esquina na construção de uma representação homossexual diversa e democrática no mercado editorial brasileiro, ajustando os passos do país ao que acontecia em outras partes do mundo.

*Artigo recebido em 28 de dezembro de 2022. Aprovado em 14 de abril de 2023.*